

luvados de amarello a bengala rica, de castão de prata — e na sua mascarã rapada de sacrista janota, os labios franzidos exprimem o mais evidente e catholico desdem por aquelle *factotum* do seu collega Sardou.

— *Quel raseur!* — dizem claramente os olhos esverdeados e felinos de Paul Hervieu, ao seu lado, constrangido na sua casaca nova de membro do Instituto. E que eloquente scena muda na attitude de sacrificadas das *preciosas* que fingem escutar, como n'um templo, ao mesmo tempo que espreitam com o canto do olho os photographos que dispõem as machinas para o aspecto das tribunas . . .

— Da fórmula de Dumas — vae dizendo o outro — devemos reter sómente o que é justo e louvavel, e o que elle resolutamente poz em pratica; a demonstração, na scena, de certas verdades desconhecidas contrarias ás opiniões accites, e que é preciso fazer acolher por um publico mais ou menos recalcitrante . . .

(Positivamente, Jules Claretie está soffrendo uma crise epathica, com aquella côr biliosa que lhe esverdeia afflictivamente a cabeça descarnada de santo de egreja d'aldeia, pobre martyr! Como elle inveja, n'este instante, o anthraz providencial de Sardou, que o livra da estopada, com um calor assim! . . .)

— Os Dumas amaram sempre a lucta (prosegue ô manga de alpaca, n'um tom imperturbavel de quem lê um officio). O avô, o general, lançava-se na refrega e espadagava austriacos como um simples soldado. O filho passou a vida a debater-se, alegremente, de resto, contra as difficuldades com que se comprazia em obstruil-a. E o mesmo espirito batalhador vamos encontrar no gosto do filho pela controversia e pela polemica, no seu desdem pelas idéas correntes e no seu *parti pris*

de advogar no palco as causas antecipadamente mais desacreditadas, tomando como clientes habituaes a virgem seduzida, a mãe solteira, a mulher galante e a mal-casada... A virgem seduzida, culpada d'uma fraqueza de que a acusam com crueldade, ao passo que todos consideram com indulgencia aquelle que a provocou! — A mãe solteira, a quem o seductor deixa todo o encargo da sua triste maternidade, sem que a lei o obrigue a associar-se-lhe a testemunhar o menor interesse pelo filho, nascido d'uma falta de que ella é irresponsavel! — A mulher galante, a peccadora arrependida, que elle quer rehabilitar pelo verdadeiro amor e pela dedicação maternal! — E finalmente (*uff!*) a esposa abandonada, trahida, e que em seguida esquece os seus deveres, para quem elle reclama a mercê das circumstancias attenuantes e do perdão evangelico! São estes arrojados pleitos que fizeram com uma intensão de ironia muito injusta, segundo o meu modo de vêr... (e egualmente de Mr. Lepine, o prefeito da policia, que abana a cabeça, approvativo!)... que cada peça de Dumas é uma these...

(Na poltrona de honra, ao sol, Sua Excellencia o sub-secretario das Bellas Artes sua como um heroe... o suor corre-lhe em bica pelas bochechas, pelos refegos do cachaço taurino, sem que elle tenha a fraqueza d'um gesto para o enxugar. E na cadeira ao lado, o velho jarreta, com a calva de mumia descahida sobre o hombro, resona, o bemaventurado!)

— O que a sua linguagem um pouco brusca, a sua amisade um pouco rude, a sua beneficencia um pouco rispida encobriam de verdadeira bondade, só o podem dizer aquelles que viveram na sua intimidade e a quem elle honrou como, a mim, com a sua amisade...

— *Sacredieu!* É odioso de declamação, de sonoridade esganiçada! Silva Henri Lavedin, entre os dentes contrahidos, com o ar furioso de quem tem uma bota de verniz a aperrear-lhe um callo.

— *Tordant!* confirma o visconde de Voguë, com odio.

Mas, de repente, ha uma esperança. A voz gorgoleja, enfraquece, hesita com gosma... O homem começa a cospinhar. Fecha a bôcca. Sempre era o fim?...

Palmas estalam. O publico tem a impressão momentanea de sahir d'uma secretaria onde cheira a bafio e a rato... Mas oh deuses immortaes! E' uma falsa esperança. Manga de alpaca parára apenas para tomar folego. E eil-a que de novo, como a agua d'uma gotteira sobre um passeio, a voz continúa, obsidiante, tragica, immutavel, eterna...

— Quando a estatua do avô, do soldado patriota se erigir sobre esta praça, entre as do filho e do neto, saudaremos n'elles a conjuncção dos dotes mais preciosos da intelligencia e do coração: a bravura e a caridade, o odio de toda a oppressão, de toda a injustiça; o bom humor, o bom senso e o espirito ao serviço de todas as boas causas! E nenhum povo poderá offerecer á admiração do mundo inteiro uma praça comparavel á dos *Tres Dumas*.

— *Bravo, torero!* exclama Victor Marguerite, n'um sorriso de gavroche.

Alguns não querem crêr ainda, mas d'esta vez sempre é certo. O supplicio terminou. E as palmas, a ovação de todos esses joviaês tartufos, ha momentos tão mordazes, e que agora dizem alto: «Esplendido! magnifico!» — n'uma d'essas reacções de contentamento que devem sentir aquelles que cahiram ao poço, ao enterver de novo a luz.

Se fosse só aquelle! Mas faltam ainda oito, mais oito, Pae celeste!

Por traz da mesa vermelha, já outro Demosthenes surge, entre os guardas perfilados, de espada desembainhada.

Em nome do Conselho Municipal, o sr. Tintet, na ausencia de Mr. Chautard (outro feliz!), agradece em nome da cidade de Pariz a «preciosa offerta do monumento», n'uma voz que guincha, estridula, entre o rolar dos trens e das carruagens.

O que elle sabe, o que elle diz, o sujeito de lunetas, com a facha tricolor sobre o ventre conspicuo! Porque n'estas solemnidades, estes senhores da Burocracia são sempre os mais espicaçados pela abelha d'oiro da Rhetorica, como se quizessem, na sua facundia, provar aos homens das letras: — «Não são só vocês que tem o direito de maçar os ouvintes!»

— Quando a estatua do general Alexandre Dumas se erigir em face das do filho e do neto (já o terrivel orador precedente o disse pouco mais ou menos, mas que importa!), esta praça será sem duvida a mais original do mundo inteiro e tambem a mais evocadora. Ella dirá ao transeunte que uma mesma familia, durante tres gerações successivas e por fórmias diversas, augmentou a irradiação gloriosa da patria franceza!

Rataplan! plan!...

E logo outro, Mr. de Salves, prefeito do Sena, tristissimo, icterico, o aspecto d'um perú nostalgico, lê uma estirada perlenga, emphatica e aphoristica, a que o *reporter* que a vae notando com odio chamará inevitavelmente *admiravel* no seu jornal:

— Alexandre Dumas filho projectou a mais viva luz sobre vicios profundos da nossa sociedade. Fez obra

util e grande. O seu objectivo foi sempre nobre e elevado. É um grande antepassado, um verdadeiro gentil-homem de letras. E nós saudamos respeitosamente a sua imagem!...

As noites que aquillo lhe levou a redigir, e as vezes que o digno homem deve ter relido aquelle período á pobre da senhora!

Mette por fim as tiras no bolso da casaca, religiosamente, e cahe nos braços abertos dos admiradores.

E entre o burborinho sympatico das velhas damas que se arrebitam para o ouvir, Bourget, gorducho, molle, *poseur*, na sua casaca de papagaio do Instituto, chapinhada de medalhas, as pontas do bigode cahidas á ingleza sobre o beiço sensual, de monoculo nas palpebras papudas, mas sem nada do *dandy* que nos afizemos a conceber atravez da leitura dos seus romances archimundanos, começa sem gestos, n'uma voz branca e acida de *snob*, cheia de tedio impertinete:

— Na Academia Francezá, «n'esta calma atmosphera d'estudo», Dumas não contava senão admiradores e amigos. Assim, a inauguração da sua estatua é para a nossa Companhia alguma coisa mais do que uma festa official, como o dia 30 de novembro foi alguma coisa mais do que um luto de aparato. Todos aquelles que conviveram intimamente com Dumas hão de comprehendel-o...

(Ha sobretudo uma velha condessa, espartilhada n'un vestido *princesse* côr de pombo, tasquinhando *bombons* com um sorriso de macaca extasiada, e cujo cocar de plumas se agita a cada movimento admirativo da cabeça maquilhada, que está positivamente apaixonada pelo romancista favorito das *Mensonges*! Deante d'elle, Mr. Lepine, com um dedo huguesco na

testa de fêto, escuta-o compenetrado, como ao representante official das Boas Lettras. E nada mais definitivo do que essa homenagem da Ordem pelo defensor da tradição e do Nacionalismo !)

— Ha, meus senhores (continúa Bourget), uma phrase de poesia singular, d'aquella poesia que os antigos sabiam encontrar, simples e tão humana, penetrada de ingenua familiaridade e tão impregnada de profunda significação. Athenea, que acaba de absolver Orestes, accusado perante o tribunal pelas fúrias vingadoras do parricidio, justifica a sua indulgencia: «Eu amo os homens, diz ella, como o jardineiro ama as suas plantas.» Um sentimento muito analogo parecia acordar em Dumas quando descobria n'um recém-chegado uma promessa viva, a germinação sagrada do talento e das obras futuras. Aos seus antecessores não pudera offerecer senão a sua admiração, aos seus emulos senão a sua estima; aos seus cadetes tinha o direito de dar alguma coisa mais: um soccorro, um apoio, uma direcção, e com que delicia elle desempenhava este privilegio de illustre antecessor. Submettia-lhe algum debutante uma peça nova? Fazia mais do que lel-a, mais do que conversar ácerca d'ella com o seu auctor. Se lhe parecia que a obra valia a pena d'isso, corrigia-lhe o scenario retocava-lhe o dialogo, redigia-lhe de novo paginas, scenas, actos...

(A velha reliquia dorme sempre, com a careca de mumia descahida sobre a gola verde da çasaca. Na rua, os *tramways* continúam deslizando, cheios de gente alegre; os automoveis e as victorias batem já para o *Bois*. Que bella sombra deve fazer á fresca, sob as folhagens da Avenida das Acacias e á volta do Lago !)

Mas Bourget prosegue, de monoculo :

— A assembléa que hoje se congrega em torno d'este monumento attesta a communidade de todos quantos se assignalam em França em prestar a sua homenagem a este honesto grande homem de letras tanto pelo seu caracter como pelo seu genio. N'esta hora de apotheose, e no momento em que acaba de desvelar-se esta imagem de pedra devida ao cinzel d'um artista illustre, queriamos poder tambem desvelar nós todos, os seus amigos, para a contemplar e para a mostrar, a imagem moral que de Dumas trazemos no santuario da nossa memoria. E sobre o pedestal gravariamos estas simples palavras, nas quaes estão resumidas as virtudes que fizeram d'elle um confrade excellente e um mestre incomparavel e, como direi? se synthetisa o sentido secreto da sua obra inteira: «Ajudou-nos a todos a valer mais.»

Oh! a salva de palmas das *preciosas*! A velha de côr de pombo deixa cahir o sacco dos *boubons* para o applaudir, de pé; delirante, devorada de paixão, com as plumas de arara a tremer-lhe sobre o edificio dos cabellos tingidos. E magestoso como a ercarnação do Estado, Sua Excellencia aperta-lhe as mãos, n'uma venia de homenagem official.

Bem engravatado, bem brunido, com a sua physionomia gelada e correcta de antigo diplomata, sem um cabelo desalinhado na obra prima do penteado de *dandy*, o queixo duro de prognatha irreprehensivelmente escahoado, Paul Hervieu é mais uma vez colhido nas chapas dos photographos de cartões postaes.

Em nome da Sociedade dos Auctores Dramaticos, n'uma eloquencia reflectida e nitida, com a ironia grave do seu talento de psychologo, um pouco super-

ficial mas brilhante, o auctor das *Tenailles* faz a analyse rapida do theatro de Dumas, a cuja memoria agradece «por ter mantido e fortalecido a altiva tradição, segundo a qual os espectaculos da arte dramatica podem reivindicar, sempre que se queira, o serem alguma coisa mais que um passa-tempo amavel ou uma simples distracção para os ociosos».

Referindo-se á ultima peça que Dumas, no seu testamento, prohibiu publicassem, tem estas phases de effeito :

— Chegado ao cume da experiencia e da fama, emprehendeu, emfim, mais uma obra ainda, cuja publicação de anno para anno foi retardando. Porque já então começasse a desinteressal-o dos resultados d'este mundo um legitimo orgulho? Ou devemos nós suppôr que no coroamento da sua vida radia a mais imponente timidez? O facto é que emquanto ia proseguindo na sua *Route de Thèbes*, Alexandre Dumas foi detido pela esphinge da morte.

Logo a seguir, sem intervallos (cinco horas e meia da tarde, *sapristi!*), Victor Marguerite, o presidente da Sociedade dos Homens de Letras, forte, còrado, louro, o sorriso intelligente e vivo, orgulhoso da sua força mascula e do seu talento, vaidoso talvez de ser ainda o *beau mâle* que as mulheres amam ainda pelo que é e não pelo que foi, como a esses cacheticos antepassados da Academia, declama de papo, sobre a influencia social e moral do auctor do *Ami des femmes* :

— Elle mesmo pode constatar, não sem justo orgulho, nas notas da *Princesse de Bagdad*: «O que ninguem pôde negar-me é o direito que tenho de dizer a mim mesmo, em face de certos progressos realísados, o que dizem os operarios ao passar ao domingo nos

bairros novos: «*J'ai tout de même travaillé à ces maisons-là!*»

Em nome da Associação da Critica, o sr. Camillo Lêque, um cavalheiro baixinho, com um ar de môcho triste, a luneta na ponta do bico, meia duzia de cabellos lambidos sobre um craneo lizo de cachorriño recém-nascido, debita n'uma voz choramingas e fanhosa, de quem pede para a cêra do Santissimo, uma bem elaborada lenga-lenga, que ninguem escuta.

Jules Clarettie, répresentando a *Comédie Française* (o que elle deve soffer realmente do figadó, com aquella côr de desenterrado, por um calor d'estes!), géme, mais do que pronuncia, um pequeno discurso em que se revela o seu talento anecdótico e impressionista de *chroniquer*, e cêde emfim, depois das palmas do estylo, o lugar ao «*ultimo*».

Essé benemerito, que em nome do governo fecha finalmente esta orgia declamatoria, deante de cujo desaforo até o grande morto no seu pedestal, parece enjoadado, é o sub-secretario Dujardin-Beaumetz, que trombeteia, pathetico e convicto, com os olhos globulosos de peixe fóra das orbitas, as veias do cachaço entumescidas e o ventre resfolegando como um folle de forja, n'um tom de desafio e de ameaça, como se repellisse algum ultraje pessoal, estas coisas afinal inoffensivas:

— Dumas tinha uma concepção muito nobre da vida e da justiça social. A sua rectidão, por vezes inflexivel, correspondia a um sentimento particularmente elevado da honra. N'elle, o character e o espirito egualavam a obra que nos legou.

E o fragôr das ultimas syllabas do seu discurso são

tão tonitruantes, que o pobre antepassado, no seu *fau-teuil*, acorda de repente, espavorido.

Mas é o fim, o anciado epilogo d'este melodrama oratorio em nove actos. Oh! o allivio, o consolado suspiro de desabafo de todos esses pobres martyres da póse official. Todos aquelles senhores do Instituto de França encaram-se com jactancia, consideram a sua tarefa emfim cumprida, e decidem-se a recolher ao seu museu de antiguidades. N'um cacarejar espevitado e estridulo de araras, as *preciosas*, por tanto tempo condemnadas ao silencio, retomam os seus automoveis e os seus *landaux*, com a vaidade satisfeita pela pequenina comedia intellectual que representaram. Mademoiselle Barthet faz a sua sahida, tão theatral como a sua entrada.

E na pequena praça Malesherbes, d'ahi a pouco deserta, o ironista severo do *Demi-Monde* fica emfim solitario, no desdem olympico do seu isolamento, sobranceiro aos ridiculos e ás vaidades d'esta sociedade que escalpelisou com mão de mestre.

XXV

Fim da «saison»

A *saison* que acaba de encerrar-se não revelou ao mundo nenhuma das rutilantes obras-primas que, pelo seu destaque culminante, marcam uma época, synthetizando-a em traços vivos de genio: e os pessimistas como Nordau teem bem razão em affirmar a decadencia d'um theatro que, em vez de orientar as almas para a belleza das altas aspirações moraes, apenas procura prender, por algumas horas, a curiosidade ligeira e frivola d'esta Paris para a qual um *calembourg* de Willy valle mais que um poema de Régnier.

Ao passo que o verão vae avançando, mais torrido, a multidão deserta dos theatros para os *music-halls* — porque os grandes calores foram sempre os maiores inimigos das emoções patheticas. N'este lazaronismo indolente que invade os espiritos, a força intellectual amollece, annula-se. Escutar, prestar attenção, seguir com esforço o trama psychologico d'uma comedia ou o enredo truculento d'um drama, torna-se um esforço torturante e heroico. Ao contrario, nada mais facil do que perceber o gesto gaiato d'uma *gommeuse* sublinhando uma cançoneta idiota, mas drolatica. Prefere-se, assim, o *Marigny* á *Comedie*, a *Cigale* ao *Odéon*, o *Alcazar* ás *Nouveautés*.

—*Au diable la littérature! Cocher, aux Champs Elysées, ou à la Boite à Fursy!*

O café concerto! Eis ahí o espectáculo ideal para os imbecis—porque nada obriga menos a pensar do que uma cançoneta. Podem divertir-se, sem se humilhar. Nada mais desagradavel para muita gente, do que admirar. Reconhecer uma superioridade, irrita. Aquelles que nada fazem, odeiam sempre os que fazem alguma coisa. Um bello drama? Que massada! Não sou eu admiravel, para que hei-de eu admirar? Ao menos, nos *music-halls*, nada perturba as digestões felizes. E d'ahí, o exito cada vez maior d'esses jovias espectaculos, n'este asphyxiante estio em que Paris é para os estrangeiros a Méca profana e desejada, o paraíso de Mahomet, povoado de *huris* eroticas, mostrando as ligas, por esses oasis deleitosos dos Campos Elyseos.

*
* *

Para fechar a *saison*, o *Theatre Français* levou á scena *La fontaine de Juvence*, em que Emile Bergeret apresenta, sob uma fórma nova, nos personagens de Archis e Dameta, de Télamon e de Neere, o immortal idyllio hellenico de Philemon e Baucis, de Daphnis e Chloé.

Tocando flauta, travestido de pastor da Arcadia, Jupiter, o pae dos deuses, desce uma gloriosa manhã do seu Olympo eternamente perfeito, para dar á sua velha alma fatigada da immortalidade o espectáculo curioso e diverso dos amores e tristezas dos mortaes. Para isso, escolhe o melhor logar—junto da fonte miraculosa que rejuvenesce os velhos e envelhece os no-

vos que na sua agua magica tentam desvendar o segredo dos destinos.

Porque, por inverosimil que este doído desejo possa parecer a quem não souber que para as mulheres os caprichos mais singulares são os mais naturaes, não é outro senão esse o que enche de curiosidade a linda e moça nympha Neere, por amor de quem o bello pastor Têlamon faz vibrar com os mais lyricos suspiros os echos confidentes dos bosques floridos.

— Amas-me? pergunta a doce nympha que parece ter já, na alma pagã, toda a sabia e perversa experiencia d'uma parisiense dos nossos dias. — Mas quanto tempo durará o teu amor?

— Eternamente!...

— Mesmo quando eu fôr velha e sobre os meus cabellos louros tiver cahido a neve de cincoenta invernos?

— Amar-te-hei sempre!

— E' isso o que eu quero vêr. A fonte envelhece os novos!

Têlamon quer contel-a. No fundo, como em tantos namorados, a sua fidelidade está mais nos labios que no coração. Mas, n'um lindo gesto esquivo de corça, ella escapa-se d'entre os seus braços. E em vão a persegue o pastor atravez das ramagens, sem a encontrar.

Ora, no mesmo momento em que Neere se inclinava sobre a fonte, perto d'ella, separada apenas pela folhagem d'um loureiro, outra mulher fitava tambem a agua miraculosa. Essa mulher, Dameta, é a esposa d'Archis. Curvados ambos sob o pezo dos annos, trazem no entanto nas almas sempre moças o sonho luminoso d'um amor mais forte que a vida — esse amor de essencia divina, que faz encarar com a serenidade

innocente da confiança, o mysterio da morte. Mas, Dameta, que é mulher, e que por o ser não póde deixar de se recordar com melancholia de que foi linda e moça, sente um dia a tentação de experimentar a virtude magica da fonte legendaria.

E eis que, por uma ironia da Eterna Illusão — ou de Jupiter — cada uma das duas mulheres, ao inclinar-se sobre a agua limpida, vê o rosto da outra. Dameta imagina-se rejuvenescida; Neere imagina-se envelhecida. Dameta será d'ora ávante perseguida pelas adorações e pelas supplicas do moço pastor Télamon, que vê n'ella a sua amante aos cincoenta annos; ao passo que Archis vitupera a nympha Neere, na qual imagina vêr a sua esposa Dameta que quiz rejuvenescer, mirando-se na fonte, contra o seu desejo. E é a elle que Jupiter dá razão. De todos, só elle é o verdadeiro sabio, n'esta intriga. A vida e o amor são para os moços; os velhos que esperem a morte.

A conclusão é um pouco cruel, e tudo isto é talvez um pouco quintessenciado e demasiadamente subtil: mas os dialogos são uma delicia; os versos parecem cinzelados como joias, e toda esta pequena comedia mythologica enaltece o nome de Emile Bergeret, o poeta dos oaryistos e dos melancolicos amores, das horas juvenis que se dosfolham, como uma rosa de maio cujo perfume o vento leva, vagamente, n'um crepusculo d'oiro.

O espectáculo terminou por uma *reprise*: essa velha *Princeza de Bagdad*, de Dumas filho, que data d'um quarto de seculo e que me pareceu realmente bem velhinha, ante a indifferença com que foi ouvida. Como o tempo passa depressa — sobretudo para as obras de theatro! Um velho romance lê-se sempre com curiosi-

dade, senão com encanto. Uma velha comedia, quando não tiver a eterna mocidade das obras de genio, faz pena e parece quasi tão ridicula, passados annos, como as *toilettes* que passaram de moda. Quantos entusiastas, no emtanto, e quantos tumultuosos protestos ella provocou, em 1881, quando pela primeira vez foi representada!

*
* *
*

No theatro do *Vaudeville*, a *Chaine Anglaise*, comedia em tres actos de Abel Hermant e de Camille Oudinot, é uma d'essas obrasinhas amaveis, joviaes e futeis em que nada choca, á primeira vista, de tal modo a preversidade, que de facto existe no fundo, foi bem dissimulada.

N'uma das estações de inverno mais em voga da Italia, está de *villegiatura* um grupo de inglezes: Mister Davis (cuja esposa emprega toda a tactica feminina para casar o seu antigo amante lord Brandon), Eric Davis, joven ingenuo e sentimental como um personagem de Dickens, e muitos outros ainda, immensamente ricos, como todos os inglezes dos *vaudevilles*.

Chega ao Grande Hotel uma parisiense, linda, é claro, elegante, sem duvida, como todas as parisienses dos *vaudevilles*. E tal é a irradiação da sua graça, que todos os inglezes, mesmo os mais fleugmaticos e monosyllabicos a admiram. Mas virtuosos, puritanos, antes de tudo, a sua *simplicidade* não lhes deixa supôr, nem por um momento, que essa estonteante creatura é, na realidade, uma *cocotte*. Tomam-n'a por uma pessoa de sangue real, e a chegada inesperada, em automovel, do seu amante, o duque de Azay, as suas

assiduidades, não são coisas que abram os olhos aos nossos bons inglezes. Muito ao contrario. A sua sympathia augmenta tão vivamente que convidam os dois amantes a hospedarem-se no seu sumptuoso *cottage*, em Inglaterra.

O duque e a sua *petite amie* accitam este convite, que constitue um perigo serio para o joven Eric, que desvairadamente se apaixona pela *cocotte*, emquanto o que aquelle mais deseja é desfazer-se d'ella, para casar com Winnie Davis. Pobre *duquezinha* da mão esquerda, que ardentes e comovidas sympathias a rodeiam, quando o seu lindo corpo esbelto cahe, n'um languido desmaio, ao annunciarem-lhe o casamento do amante! Como a data do noivado se aproxima e elle não pôde continuar em casa dos Davis, accita o convite generoso de lord Brandon que, como um verdadeiro *gentleman* (o borrachica!), a respeita a ponto de se retirar para o seu quarto, solitario, depois das ceias britannicamente regadas a *Port-wine*. E eis sósinha a ardente semi-mundana, que não podendo mais tempo supportar o longo sacrificio d'aquella castidade forçada, procura approximar-se do joven Eric, que a deseja, sem se atrever a confessar-lh'o (sentimental parana!), e que deita a fugir, como aquelle idiota biblico que se chamou José do Egypto, ao vêr abrir-lhe os braços esta nova Putiphar parisiense, no ninho capitonado d'um *boudoir* onde lord Brandon, por traz d'uma porta, se entrega a observações não desprovidas de encanto e de philosophia.

E tudo termina, afortunadamente, como nos romances sérios, por um casamento — o do duque d'Azay com a irmã de Eric — o qual por fim, se resolve tambem a não ser tão... *biblico*.



Emquanto os theatros de Paris se fecham, vão sendo cada vez mais concorridos os hemicyclos ao ar livre, como o *Theatre Antique de la Nature*, em Champigny, onde recentemente foram representadas algumas tragedias interessantes, que parecem indicar no moderno theatro um movimento de renovação fecunda da arte grega. Uma das mais applaudidas, *Xerxes vencido*, por Hector Fleischmann, foi incontestavelmente inspirada por uma das mais puras maravilhas do divino Eschylo: *Os Persas*.

A' frente das suas legiões victoriosas, Xerxes quer marchar sobre Athenas, depois de ter submettido o Egypto revoltado. Mas ante o seu sonho de gloria e de conquista, os satrapas convocados recusam-se a segui-lo, preferindo ás chymeras heroicas as riquezas mais solidas.

Em vão o rei ambicioso lhes promette o dominio das cidades illustres da Grecia luminosa e lhes pede que o ajudem a vingar os mortos da sua raça, enterrados nas costas da Thracia e nos campos de Marathona. E é só depois de os flagellar, em versos flamejantes como espadas, com o seu desprezo épico, que Xerxes impõe aos satrapas a sua vontade, n'um acto magnifico de movimento e de vigor dramatico, que termina pelo clamor apothoticico e vibrante d'um hymno ao Sol, deus da Persia.

Como uma avalanche impetuosa, o exercito immenso assola a Africa, invade a Grecia, avança sobre Athenas, saqueando-a, espalhando por toda a parte o pânico e a morte. Entretanto, na longiqua Susa, reina a

inquietação em todas as almas, desde que as novas do exercito persa foram rareando; e nos jardins do palacio real, pelas aleas, entre os altos myrto e as colossaes estatuas dos velhos deuses, um côro de lamentos sóbe para os astros, dos corações dolorosos das mães, das esposas e das namoradas dos soldados distantes. A mãe de Xerxes, Atossa, a quem a falta de noticias do filho heroico faz temer os mais sombrios destinos, ordena aos sacerdotes que invoquem a sombra de Dario que, surgindo do tumulo, annuncia a derrota.

E eis que, atravez da floresta densa, vibra na sombra presaga o echo lugubre d'um grito e, desgrenhado, com os olhos cheios de espanto, os punhos sangrentos, sem armas, sem elmo, a tunica dilacerada pelos mattos dos longos caminhos, apparece o mensageiro de Salamina. E' d'uma belleza *classica* a scena sobria e empolgante em que elle conta o tumulto da batalha, o panico da derrota, a fuga desordenada das legiões, a gloria da Persia aniquilada, e em que a rainha, uivante de dôr, entra no palacio e arranca os olhos para não vêr o filho vencido. D'ora avante, cega, como um phantasma tragico, a velha rainha doida erra entre as lamentações e os gemidos do seu povo que espera, ansioso, a volta de Xerxes, que por fim regressa ao reino, com a tunica d'ouro despedaçada, implorando humilhado o perdão e a piedade dos velhos satrapas, cuja prudencia desdenhara.

Atossa, ao ouvir a voz do filho entre os clamores do povo, avança de mãos estendidas, tacteando o ar, e cinge-o nos braços. Xerxes, ao fitar aquellas orbitas sangrentas em que para sempre se apagara a luz divina do olhar maternal, pergunta-lhe:

— «Os teus olhos, outr'ora tão bellos, quem t'os

arrancou? Contemplo-te, ó mãe, e a minha voz emmudece. Quem foi o teu carrasco, ó mãe?»

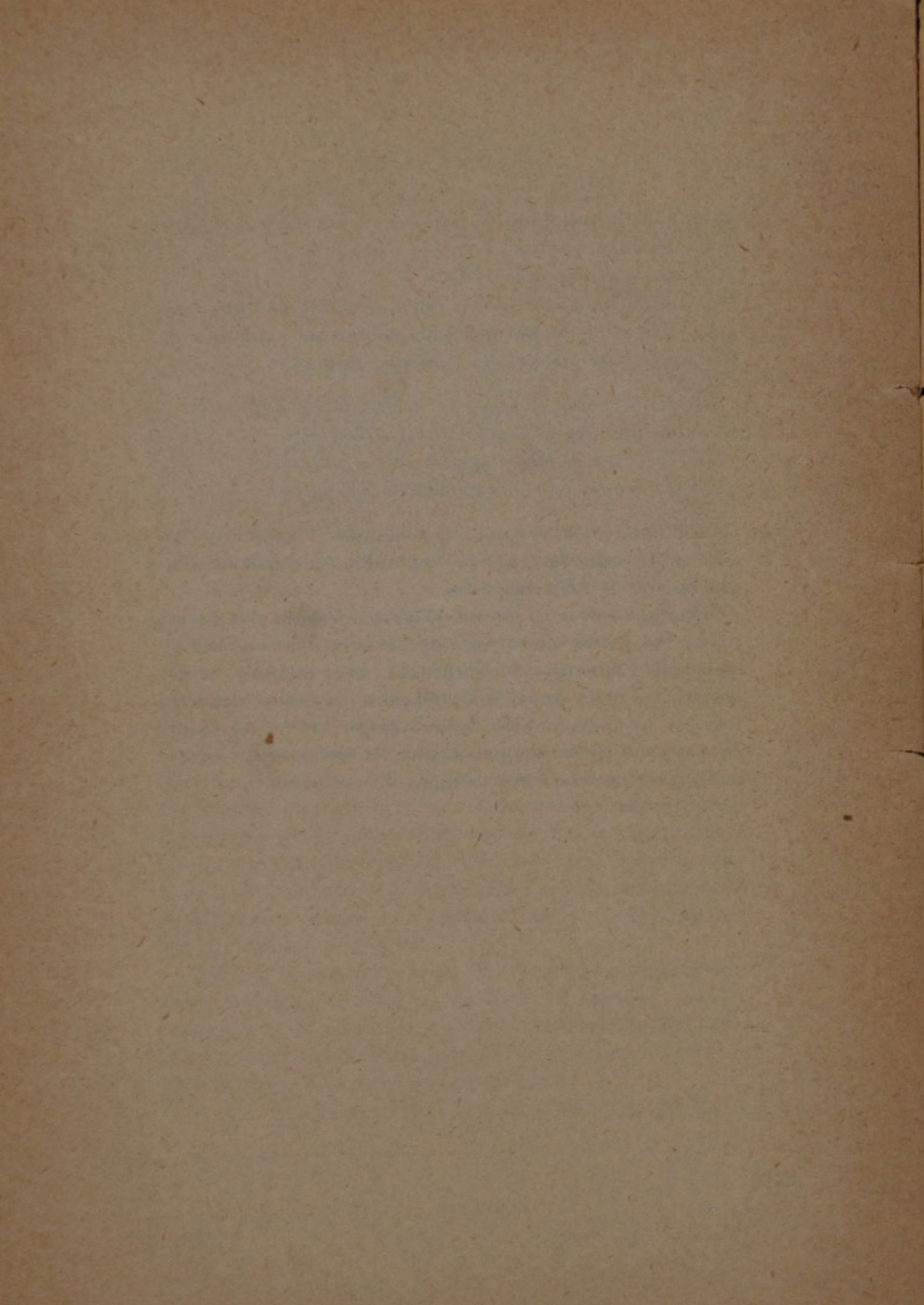
E Atossa responde: «*Tu!*»

Abatido pela dôr, como por uma maldição dos deuses, o Heroe vencido nos seus sonhos de vaidade e de ambição, foge atravez da floresta, clamando:

*Rendez-moi mes vaisseaux! Rendez moi mes armées!
Les gueules des lions aux dos des boucliers,
Les cuirasses bombées sur les fortes poitrines
Helas! rendez-moi mes armées de Salamine!*

Eis aqui, em resumo, o assumpto d'essa tragedia que uma multidão enorme applaudia, enthusiasmada, nos episodios mais intensos.

Quando teremos, no nosso paiz, espectaculos identicos? Ao passo que o povo de França, nos seus innumeraveis «Theatros da Natureza», cada domingo póde assistir, por um preço insignificante, a bellos dramas em que as mais nobres figuras historicas ou legendarias são interpretadas pelos seus actores mais illustres, nós temos apenas, em Portugal — os *reiseiros*.



XXVI

Compiègne — A Jane

Escalonada em amphitheatro sobre a colina que domina o Oise, com as suas ruas tortuosas e ermas, o seu palacio historico e a sua floresta immensa, a pequena cidade de Compiègne, onde Joanna d'Arc foi presa e vendida aos antepassados d'estes pacificos inglezes que hoje fazem d'ella a sua estancia de verão favorita, é uma calma villegiatura para os que procuram, não muito longe de Paris, um logar de repouso para os nervos e de pittoresco para os olhos.

Na sua moldura de casas antigas, com janellas estreitas e telhados angulosos que lhes dão o aspecto das gravuras ingenuas em madeira do seculo xviii, a praça deserta onde se ergue a estatua de bronze da Pucella, ante a fachada gotica e renascença do *Hotel de Ville* em que os reis e os santos immobilisam hieraticas attitudes nos nichos ogivaes e, sobre a torre' historiada, um relógio monumental parece marcar as horas remotas d'outras eras, dá bem a impressão das cidades mortas que Balzac descreveu, esquecidas no somno e no silencio do passado, e pelas quaes a vertiginosa vida moderna passa, sem a acordar — como a agua inquietada e apressada dos rios vae correndo entre as ve-

lhas pedras dos caes e das pontes, sem as desgastar nunca.

A sombra das arvores, sob o duro e pesado sol de verão, projecta-se com uma immobildade, que parece eterna. Sobre a cidade adormecida, um sino da velha egreja de Saint-Jacques, toda cariada pelo tempo, agita a espaços o seu nastalgico e monotono carrilhão, como se convocasse ainda os rudes soldados que fizeram a dura guerra dos cem annos. A uma janella de balcão, erguendo a cortina de cassa com os seus dedos de mumia, vejo uma velha que se curva, espreitando quem passa, com esses olhos ávidos de devassar as vidas alheias, que teem as velhas provincianãs.

De repente, vibra no ar o som metallico d'uma banda de bombeiros, que desemboca d'uma rua estreita, precedida por um grupo de garotos. Na pequena praça sonora, echôam as notas dos figles e dos cornetins. As janellas das esguias casas de talhados ponteagudos enchem-se subitamente de cabeças curiosas. A's varandas dos hoteis sem hospedes, debruçam-se os creados de avental branco. A' porta do café apparecem, em mangas de camisa, e de tacho ao hombro, gordos burguezes importantes, que me lembram as velhas caricaturas de Daumier ou de Gavarni.

E, na melancholia da tarde de domingo, isolado n'esta velha cidade estrangeira, sósinho com o meu sonho e o meu tédio, tenho bruscamente a impressão viva d'essa monotona e estreita existencia de provincia de que ha tanto vivia arredado; da odiosa provincia, em toda a parte identica, em Portugal ou em França, com a sua pasmaceira estagnada de charco em que coaxam, como rãs, as senhoras visinhas beatas e mexeriqueiras, e as horas dos velhos relogios parecem

cahir no silencio, vasias, inertes, pesadas, como fructos que ninguem colhe, apodrecendo e desprendendo-se, ao sol, d'uma velha arvore esquecida.

Entro no palacio de Compiègne, que o architecto Ange Gabriel reedificou, na epoca de Luiz XV, sobre os alicerces do antigo *Louvre* de Carlos V, e onde atravez dos seculos indifferentes tantas festas magnificas e tantas tragedias historicas se desenrolaram.

Calmos palacios abandonados, museus de saudades, cemiterios de recordações!...

Nos velhos quadros de oiro, como no limiar d'outro mundo, as figuras das rainhas são espectros lindos que me attraem mais do que as mulheres vivas, com seus longos olhares mysteriosos e seus enigmaticos sorrisos d'outr'ora. Deante d'essas visões que o tempo vae empallidecendo e espiritualizando, não sei que doloroso opio de sonho e nostalgia me embriaga, como se no ar pairassem, invisiveis mas presentes, almas d'outros seculos, toda essa muda vida morta do passado que a nossa imaginação faz resuscitar — antigos amores, antigos beijos, antigas lagrimas, romances longinquos, gavotas tristes de Gluck, nos «cravos» que já ninguem toca, horas lentas dos velhos relógios, que já ninguem ouve...

Ao longo das altas salas sonoras onde a sombra dos seculos parece dormir, todo o luxo das côrtes de Luiz XV e do Imperio resurge aos meus olhos na pompa e na riqueza dos moveis doirados, dos preciosos estofos de seda branca e de damasco côr de púrpura, das magnificas tapeçarias de Flandres, d'Arraz, de Gobelins e de Beauvais, onde se esfumam as tintas dos episodios mythologicos ou heraldicos dos quadros innumeraveis, entre os quaes, representando as scenas

mais curiosas da vida de Dom Quixote, destacam os de Charles Coypel, d'uma espirituosa phantasia e d'um colorido quente.

No silencio mortuario dos quartos onde vibra apenas o tic-tac infatigavel da maravilhosa colleção de relógios Imperio, que é uma das melhores do mundo, a luz doirada das altas janellas penetra atravez das persianas corridas, como n'um templo. E a obsessão d'uma invisivel presença mysteriosa é ainda mais penetrante n'esta penumbra ardente. A cada instante, dir-se-hia que a figura trigueira e dura de Bonaparte vae surgir na sombra dos salões onde os seus passos nervosos calcaram out'ora os mesmos tapetes; ou a de Napoleão III, com o seu ar hesitante de grande passaro triste, cónversando morosamente com os seus amigos Merimée e Viollet-le-Duc, no vasto gabinete de trabalho onde 3:500 volumes encadernados em marroquim e pelucia, como caixas de bonbons, dormem nas altas estantes Imperio.

No lindo leito doirado como uma capella-mór, sob as cortinas de brocado de Leão, parece-me que vou vêr, de subito, entre os louros cabellos soltos, a branca cabeça de Maria Antonietta, dormindo sobre o mesmo travesseiro onde depois repousaram as de Josefina de Beauharuais e de Eugenia de Montijo, as duas imperatrizes sem throno, e não ha muito ainda — ironias da Historia — resonou o seu somno placido de bom burquez o presidente Loubet.

Fôra, o parque em que se revela o talento decorativo dos jardineiros francezes, amplia-se e estende-se com canteiros floridos e estatuas brancas, de cada lado da grande avenida de cinco kilometros onde durante as caçadas do terceiro Imperio desfilavam, ao som dos

hallalis das trompas e dos ladridos das matilhas, os cortejos rutilantes.

Para além, enchendo o horizonte, a floresta frondosa, espessa, profunda, em que Ariosto descreve as façanhas gloriosas dos cavalleiros da Tavola-Redonda, alastra n'uma área de 14:500 hectares, cheia de gamos e veados, com carvalhos de trezentos annos, pontos de vista maravilhosos, pittorescos belvederes, gargantas profundas e verdes clareiras deliciosas de encanto agreste, de frescura e de luz feérica.

Atravez d'ella, até ao cahir da noite, andei errando como nos contos que a minha velha ama me contava.

Mas em vão procurei, na grande floresta dos reis francos, aquella fada do Esquecimento que transforma todas as illusões mortas em desejos novos. E n'este calmo *Hotel de la cloche*, onde sou eu de certo o unico hospede, é ainda essa boa fada que eu continuo a esperar, puerilmente, embora sabendo que ella não virá — emquanto, umas após outras, lentas, vasiaas, inertes, monotonas, as horas vão cahindo do velho relógio de ferro da torre, no silencio morto da pequena cidade historica de Compiègne.

XXVII

Côte d'Azur

Emquanto Paris, envolto na sua pelissa, tiritada de frio, sob a neve que no ar é branca e no chão é lama negra, uma miraculosa primavera resplandece n'esta elysea Côte d'Azur, onde a bruma da verde Europa se evapora ao halito secco que o Mediterraneo traz da Africa ardente.

Ao longo do immenso crescente que a Riviera descreve desde o golfo de Genova, a cidade dos brancos palacios, até á ponta violacea do Estérel atravez das mil enseadas floridas, formadas pelas montanhas verdejantes que veem morrer á beira mar, não ha um recanto, por mais humilde, que nos não inspire o desejo de alli armarmos a nossa tenda, como os ciganos e os pintores, esses bohemios da arte, e de deixar correr os dias, os mezes, á sombra das lorangeiras, n'uma contemplação sensual da natureza, n'um voluptuoso e exthatico *far-niente*, esquecidos de tudo e de nós mesmos, vivendo como as arvores, vegetalmente, de ar, de luz e de sol.

Em frente do Mediterraneo ethereamente azul, da translúcida pureza dos lagos da Suissa, mas com uma côr mais rica, uma tonalidade mais quente sob a vi-

bração doirada do sol meridional; no meio d'esta paysegem edénica em que tudo encanta o olhar e a imaginação, e onde como nos contos arabes, um perpetuo maio engrinalda de madresylvas as varandas das claras villas emboscadas entre as palmeiras; aspirando como uma agua magica de Juventa este ar saboroso e tépido em que fluctuam aromas esparsos de rosas, de cravos e de violetas, o mais pessimista Schopenhauer sentiria a alma impregnar-se-lhe d'esse optimismo meio mystico, meio pantheista, que ao morrer fazia erguer a S. Francisco d'Assis aquelle divino Canto ao Sol, que é uma das maiores obras primas da poesia latina.

Quem como eu tenha feito de automovel o caminho da *Corniche*, nunca mais esquece a deslumbradora vertigem d'esse vôo em pleno espago, ao longo da estrada incomparavel, sem tuneis que interceptem a visão do panorama supremo que aos nossos pés se desenrola, todo povoado de pittorescas aldeias aristocraticas, rindo como n'un decór d'opera entre o esplendor de dois azues — o do ceu e o do mar.

Mas entre todas estas estancias onde cada anno, logo que os primeiros frios chegam, começa a affluir a multidão cosmopolita dos doentes ricos á procura do sol e dos *viveurs* á procura do prazer, Nice e Monte-Carlo são as mais aureoladas de prestigio mundano.

Durante quatro mezes, desde as corridas que inauguram a *saison* em janeiro, até ás regatas da primavera que a encerram, no mez de abril, Nice é realmente a capital incontestada d'esse paiz do luxo e da elegancia que não tem fronteiras nos mappas geographicos, mas com um systema de leis mais irrevogaveis e respeitadas que as dos codigos das nações.

A *Promenade des Anglais*... Os musulmanos não pronunciam com mais devota expressão o nome sagrado da sua Méca, do que os *snoobs* este nome tão britanicamente profano.

Às horas *smart* do passeio, toda a animação d'esta *Cosmopolis*, que é a antiga *Nicea* phenicea, se concentra n'esse esplendido terrasso de sete kilometros, orlado de bellas palmeiras abrindo o seu cocar de bronze no esmalte azul do ar, e cuja immensa ala de brancos palacios-hoteis se arqueia sobre a Bahia dos Anjos que se dilata luminosamente, toda palpitante de reflexos e de vélas de *yachts* de recreio, desde o cabo Ferrat ao cabo d'Antibes.

Nas bellas manhãs hyemaes, quando o sol rutila nos crystaes do Casino que ao fim da *Jetée* ergue a sua scenographica architectura oriental, o *Passeio dos Ingleses*, pelas suas promiscuidades e contrastes, é o mais pittoresco e scintillante kaleidoscopo, em que o alto mundo e o semi-mundo se cruzam sem se misturarem; em que os chefes das velhas dynastias historicas, os principes de sangue e os archiducos em convalescença, retribuem os cumprimentos aos seus rivaes modernos, os soberanos do petroleo, do aço, do carvão; em que as mulheres de condições mais diversas, as que usam os nomes mais authenticamente citados no Armorial d'Hoziér, acotovellam Cléo de Mérode, a Otero, a Cavalieri, todas as glorias do paleo ou da alcôva, vestidas pelas mesmas modistas, penteadas pelos mesmos cabelleiros, distinguindo-se apenas, aos olhos dos estrangeiros e dos provincianos *épatés*, pela maneira como os parisienses genuinos as cumprimentam ou deixam de cumprimental-as.

E' o mesmo publico do recinto da pesagem d'Au-

teuil, que na primavera se encontrará em Paris; no verão em Luchon, Aix-les-Bains, Vchy, e no outomno em Biarritz, Trouville, Ostende, ou nas praias *fashionables* da Gran-Bretanha.

Apesar de falarem todas as linguas dos dois continentes, todos se conhecem, de se verem ás mesas dos mesmos expressos, dos mesmos paquetes e dos mesmos Terminus ou Metropolitan-Hotels, que são os terrenos neutros onde se abatem as vaidosas bandeiras internacionaes. E muitas vezes, as pessoas que mais se dão ares de nunca se terem visto, são os que á noite, em segredo, se tratam mais familiarmente por *tu* — longe dos olhos dos maridos ou das esposas, segundo o sexo dos respectivos *partners*, n'esse jogo galante do adulterio que, por ser prohibido é, naturalmente, o mais excitante.

Toda essa gente que, á custa de tanto oiro, se desloca, e de tão longe veiu para convalescer da surmenage que lhe excita as neurasthenias, descançará realmente, na calma suavidade d'este clima da *Côte d'Azur*?... Ilusão! A sua existencia aqui é ainda mais movimentada. Corridas, jantares, concursos hypicos, visitas, theatros, todos os *sports*, não para adquirir mais saude, mas para acabar de a exgotar. O *yachtismo*, o *cycismo*, o *tennis*, o polo, o *golf*, sem contar o *trinte-et-quarente* e a roleta, todas as noites, nos salões doirados do Casino de Monte-Carlo, é difficil ter mais occupaões do que estes doentes mundanos!

Oh! como ellas se enfadam, no intimo, as pequeninas almas cinzentas e deliciosamente futeis! Sempre á procura d'uma hora que seja diferente das outras, d'uma emoção imprevista, n'esta existencia horrivel-

mente monotona do alto mundo, onde tudo é inexoravelmente previsto, fixado, analogo, mesmo os *flirts* e as *aventuras*. Pobres escravas da Moda, demasiado elegantes, vivendo mais para os outros do que para si, sempre em *pose* para a galeria, com chapéus demasiado grandes e botinas demasiado pequenas para poderem andar á vontade. Como se hade gosar a natureza, bom Deus, quando se tem de fazer tres *toilettes* por dia!

Tirando essa feéria azul da beira mar, Nice, afinal, é uma pepuena Paris, em peor, em mais banal — como tudo o que é de imitação. Os mesmos *magasins* da *rue de la Paix* ou da *Avenue de l'Opéra*, com *vitrines* que se diriam arranjadas todas pelo mesmo decorador. Em cafés identicos, ao longo d'esse pequeno *boulevard de la Gare* que parece o Grande, e dos Italianos, visto por um binoculo ás avessas, os mesmos tziganos trigueiros, igualmente mascarados de casacas vermelhas de macacos sadios, tocam as mesmas valsas afflictivamente lentas. E, ás mezas das *terrasses*, simplesmente mais tedio e mais má-língua — porque nada é tão azedo e mesquinho como o espirito d'estes pequenos meios que teem todos os defeitos dos grandes, sem terem a maior das suas vantagens: a liberdade.

Aqui todos se conhecem, pelo menos de vista; portanto, todos teem mais pretextos para dizer mal.

A unica coisa de que se não fala, nem bem, nem mal, é afinal do que é eternamente inimitavel — os montes, as arvores, o céu, o sol, o mar.

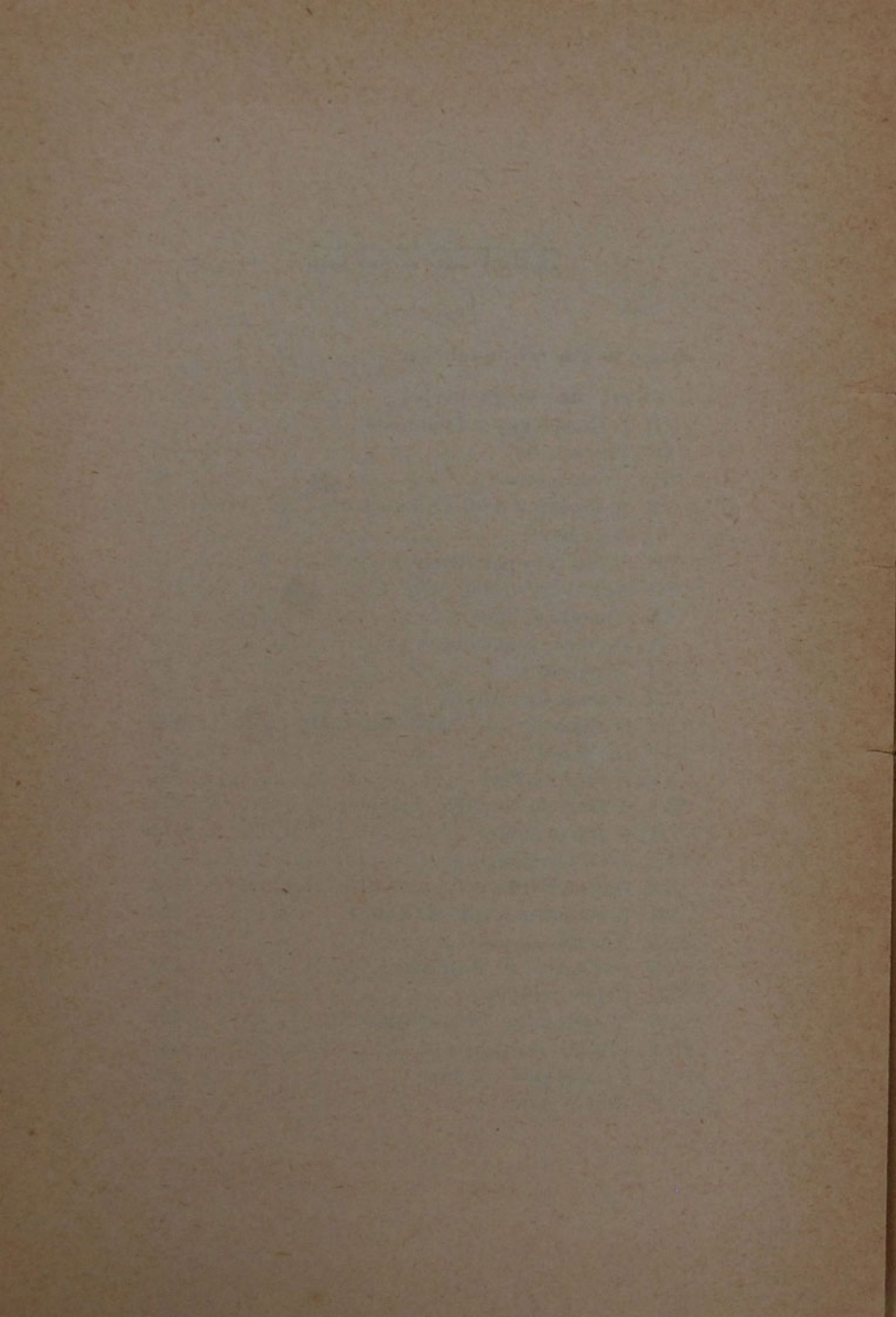
E quantas, entre essas linhas elegantes da *Promenade des Anglais* que usam chapéus do *Carlier* e vestidos do *Paquin*, nem mesmo se lembrarão de que a natureza existe, pois não a vêem sequer — e mal sabe-

riam dizer porque essa cadeia de montanhas, á beira do Mediterraneo, ao longo do qual todos os dias passam, a sessenta á hora, se chama a *Côte d'Azur* em vez de se chamar a *Côte de la Mode!*

Nice — Dezembro de 1906.

INDICE

Prefacio de Guerra Junqueiro	v
I. O despertar de Paris	1
II. O Carnaval e o Feminismo	7
III. Liberté!	17
IV. Os mineiros	23
V. A Guerra e a Mi-Carême !	29
VI. Glatigny	35
VII. Primavera parisiense	47
VIII. Nas Buttes-Chaumont	57
IX. Anatole France	67
X. De bateau-mouche	75
XI. «Aphrodite»	89
XII. A festa das Aguas	99
XIII. O «hameau» de Marie-Antoinette	105
XIV. O «Néant»	113
XV. O «Grand Prix»	125
XVI. A feira de Neuilly	137
XVII. O aduar mouro	141
XVIII. Jean Lorrain	147
XIX. Gensdelettres	153
XX. A commemoração de Zola	159
XXI. A festa nacional	165
XXII. O Theatro da Natureza	171
XXIII. Condecorações	177
XXIV. A estatua de Dumas filho	181
XXV. Fim da «saison»	197
XXVI. Compiègne — A Jane	207
XXVII. Côte d'Azur	213



OBRAS PRIMAS

Collecção de obras dos principaes auctores

VOLUMES PUBLICADOS:

- D. Quixote de la Mancha**, por Miguel Cervantes de Saavedra, 3 volumes. (Exgotada). Nova edição no prélo.
Viagens de Gulliver, por Jonathan Swift, 1 volume.
Ultimos dias de Pompeia, por Bulwer Lytton, 1 volume.
Contos do Natal, por Carlos Dickens, 1 volume.
Peccados velhos, por Grégor Csiky, 1 volume.
Contos nocturnos, por Hoffmann, 1 volume.

Preço avulso em todo o paiz

Em brochura.....	200 rs.
Encadernado em panno, com ferros especiaes	300 »

ASSIGNATURAS

Para facilitar-nos, sobretudo aos nossos clientes da provincia, a aquisição regular dos volumes da nossa bibliotheca, fazemos um serviço de assignaturas por series de **5 e 10 volumes**.

Preços por assignatura

Serie de 5 volumes	{	brochados.....	1\$000 rs.
		encadernados.....	1\$500 »
Serie de 10 volumes	{	brochados.....	2\$000 »
		encadernados.....	3\$000 »

Para tomar a assignatura basta enviar-nos um postal dizendo:

«Assigno as **“OBRAS PRIMAS”** por (cinco ou dez volumes encadernados ou brochados)», escrevendo bem claramente o nome e direcção do correio.

Ao recebermos este postal enviaremos immediatamente os volumes publicados contra cobrança da serie pedida.

Ultimas publicações

ROMANCES, CONTOS, CRITICA,

RECORDAÇÕES DE VIAGENS, DESCRIÇÕES, ETC.

A farca , novella dramatica, por Raul Brandão, 1 vol. broch.	\$600
Recordações e viagens , por Anthero de Figueiredo, 1 vol. broch. 600, encad.	\$800
A mulher amada , por Arnaldo da Fonseca, 1 vol. broch.	\$500
Filirts , contos e novellas, por Henrique de Vasconcellos; br. 800, encad.	\$5000
Bom humor , por João Chagas, 1 vol. br. 600, cart.	\$700
Jornadas do Minho , por D. João de Castro, 1 vol. br. 600, cart.	\$750
Impressões de theatro , por Joaquim Madureira, 1 vol. illustrado, encad. 1 \$200, broch.	\$5000
Elogio historico de Manoel Pinheiro Chagas , por Henrique Lopes de Mendonça.	\$400
Na Suissa , por Augusto Louza.	\$500
Serra da Estrella , pelo Dr. Adelino Abreu, 1 vol. illustrado; broch. 800, enc.	\$5000
O Paço de Cintra , pelo conde de Sabugosa, com illustrações de S. M. a Rainha D. Amelia, e de Casa Nova, 1 vol. br. 1 \$500 réis, encad: luxuosamente.	3 \$500
Contos , por Modesta (Mafalda Mousinho de Albuquerque), com prefacio de D. João da Camara, 1 vol. broch.	\$500
Chronicas do Bihé , por Alexandre Malheiro, 1 vol. illustrado	1 \$200

POESIA

Parabolas , por Antonio Corrêa d'Oliveira, 1 vol. cart.	\$700
Ara , do mesmo auctor.	\$700
Auto de Junho , do mesmo auctor.	\$100
Tentações de Sam Frel Gil , do mesmo auctor, 1 vol. cart.	\$700
Versos , por Modesta (Mafalda Mousinho de Albuquerque)	\$400

PEÇAS THEATRAES

Nó cego , peça em 3 actos, representada no theatro D. Maria, original de Henrique Lopes de Mendonça (<i>3 homens e 4 mulheres</i>)	\$300
Almas doentes , peça em 2 actos, representada no mesmo theatro, original de Marcellino Mesquita (<i>4 homens e 3 mulheres</i>)	\$300
Em casa do filho , peça em 1 acto representada no theatro Principe Real, original de Maximiliano de Azevedo (<i>3 homens e 1 mulher</i>)	\$200
Os que foram , peça em 1 acto, representada no theatro do Gymnasio, original de Emygdio Garcia (<i>4 homens e 1 mulher</i>)	\$200
Comedia Intima , peça em 1 acto, representada no theatro D. Maria, original de Carlos de Moura Cabral (<i>3 homens e 2 mulheres</i>)	\$200
Amor á antiga , comedia em 4 actos, representada no mesmo theatro, original de Augusto de Castro (<i>6 homens e 6 mulheres</i>)	\$400

LITTERATURA CLASSICA, LINGUISTICA, ETC.

Chrestomathia archaica , por José Joaquim Nunes, 1 vol. enc.	1 \$000
Lições praticas de lingua portugueza , por Candido de Figueiredo, 3 vol. broch. 2 \$100, encad.	2 \$700

THEOLOGIA

Theologia moral , por Pedro Scavini, versão do Dr. Antonio Joaquim Alves dos Santos, 3 vol. broch. 4 \$500 rs., cada vol.	2 \$00
---	--------

MEDICINA

A Vida Sexual , pelo Dr. Egas Moniz. I — <i>Physiologia</i> , 1 vol. illustrado encad.	1\$250
II — <i>Pathologia</i> , 1 vol. encad. 1\$750, broch.	1\$000
Manual medico sanitario , pelo Dr. A. Guimarães e Dr. Cassiano Neves, 1 vol. encad.	1\$000
Guia das mães , pelo Dr. Ardisson Ferreira, 1 vol. encad.	300

SPORT, jogos

O tiro de caça , por J. M. Braamcamp, 1 vol illustr.	\$400
O jogo de «dâmas» , por José Syder, 1 vol. br. 500 rs., encad.	\$650

LIVROS PARA BRINDES A CRIANÇAS

A patria portugueza , obra organizada por D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão e collaborada por muitos dos principaes escriptores portuguezes da actualidade, 1 volume de 500 paginas, com encadernação de luxo e profusamente illustrado com mais de 300 gravuras.	1\$000
Contos para creanças , por Maria P. Figueirinhas, 1 vol. illustrado e com boa encadernação.	\$800

SOCIOLOGIA, ADMINISTRAÇÃO,
FINANÇAS, LEIS, ETC.

Movimento associativo rural , por D. Luiz de Castro, 1 vol. brochado.	\$300
Guia eleitoral , por A. Gonçalves, 1 vol. encad.	\$700
Formulario das difficuldades do processo , por C. A. Falcão, 1 vol. broch.	\$600
Notas sobre administração militar , pelo tenente Branquinho.	\$400
Guia dos escriptores de fazenda no Ultramar , por J. A. Salsinha, 1 vol. broch. 600, encad.	\$800
Tabellas de cambio entre Inglaterra, Portugal e Brazil , por Callado Nunes, 1 vol. encad.	2\$500

LIVROS PARA AS ESCOLAS DE INSTRUÇÃO
PRIMARIA

APPROVADOS OFFICIALMENTE

Livro de leitura para a 1.^a classe , organizado por D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão, 72 pag., 50 grav., cart.	\$100
Livro de leitura para a 2.^a e 3.^a classes , pelos mesmos escriptores, 400 pag., 200 grav., cart.	\$300
Livro de leitura para a 4.^a classe , pelos mesmos escriptores, 320 pag., 150 grav., cart.	\$300
Chorographia de Portugal , por Accacio da Silva Pereira Guimarães, 320 pag., 90 grav., 12 mappas coloridos, cart.	\$250
Historia de Portugal , por Henrique Lopes de Mendonça, 1 vol. cartonado.	\$200
Moral e doutrina christã , pelo conego Manoel Anaquim, 1 vol. illust., cart.	\$160
Resumo da Historia de Portugal , por Domingos de Almeida Nogueira, 1 vol. cart.	\$200
Desenho (1. ^a , 2. ^a e 3. ^a classes), por João Baptista de Avellar, 1 vol.	\$300
Methodo de escripta direita , por Antonio Lopes do Amaral, 5 cadernos.	\$150

Ha tambem muitos livros auxiliares para uso dos alumnos de instrução primaria.

LIVRARIA FERREIRA — 132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Serões

REVISTA MENSAL

LARGA E RICAMENTE ILLUSTRADA

Romances, viagens, sciencias,
historias, artes, conhecimentos uteis,
modas, musica, etc.

- 1.^a SÉRIE — Cada volume encadernado 1\$600 rs.
Os 4 volumes encadernados 6\$400 »
- 2.^a SÉRIE — Cada volume encadernado 1\$600 »
Os 4 volumes encadernados 6\$400 »

Numero avulso, 200 réis

Assignaturas

3 mezes	600 réis
6 »	1\$200 »
1 anno	2\$200 »



LIVRARIA FERREIRA, EDITORA

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

LUIS DA CAMARA REYS	<i>Cartas de Portugal (2.^a U.)</i>	1 vol.
J. T. SILVA BASTOS	<i>Perfis de intellectuaes</i>	1 vol.
PAULINO DE OLIVEIRA	<i>A arvore cortada</i>	1 vol.
MODESTA	<i>O coração d'um sabio</i>	1 vol.
D. OLGA SARMENTO	<i>A Marquexa de Alorna</i>	1 vol.
CONDE DE SABUGOSA	<i>Embrechados</i>	1 vol.
ANTHERO DE FIGUEIREDO	<i>Comicos</i>	1 vol.
AFFONSO LOPES-VIEIRA	<i>O pão e as rosas</i>	1 vol.
HOFFMANN	<i>Contos nocturnos</i>	1 vol.
JULIO BAPTISTA RIPADO	<i>Os meus versos</i>	1 vol.
TEIXEIRA DE PASCOAES	<i>As sombras</i>	1 vol.
ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA	<i>O pinheiro exilado</i>	1 vol.
MADELEINE F. LACOMBE	<i>Une visite au panthéon</i>	1 vol.
ANTHERO DE FIGUEIREDO	<i>Recordações e viagens</i>	1 vol.
GRÉGOR CSIKY	<i>Peccados velhos</i>	1 vol.
ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA	<i>Parabolas</i>	1 vol.
	<i>Memorias de um policia amador :</i>	
	I <i>A alliança de casamento</i>	1 vol.
CONAN DOYLE	II <i>Aventuras de Sherlock- Holmes</i>	1 vol.
	III <i>Sherlock Holmes trium- phante</i>	1 vol.
	IV <i>A firma dos quatro</i>	1 vol.
COELHO DE CARVALHO	<i>A Eneida de Vergilio</i>	1 vol.
CONEGO BERNARDO CHOUSAL	<i>El-Rei D. Carlos e Prin- cipe D. Luiz Filippe</i>	1 vol.
LOURENÇO CASAL RIBEIRO	<i>Versos</i>	1 vol.

A SAHIR :

FERNÃO MENDES PINTO	<i>Peregrinação</i>	4 vol.
ERNESTO ZENOGLIO	<i>Tratado de dansa</i>	1 vol.
AZEVEDO NEVES	<i>Pratica de autopsias</i>	1 vol.
CONDE DE MONSARAZ	<i>Poesias</i>	3 vol.
WALTER SCOTT	<i>Quintino Durward</i>	2 vol.